

Arte em tecido: Relato de prática exitosa na Educação Especial

Francisca Raquel Santos Nascimento

Mestre em Ensino de Ciências da Natureza

Instituição: Universidade Federal de Rondônia (Unir)

E-mail: profbioraquelge@gmail.com

Geslaine Barbosa Damasceno

Licenciada em Pedagogia com habilitação em Magistério das Séries Iniciais e Orientação Educacional

Instituição: Faculdade de Educação de Jaru (UNICENTRO)

E-mail: geslainedamasceno@gmail.com

RESUMO

Este artigo descreve uma prática pedagógica realizada na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) da Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Capitão Silvio de Farias, em Rondônia, voltada para estudantes da Educação Especial. A atividade consistiu na produção de um nécessaire por meio de técnicas de corte e costura, com o objetivo de promover o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, sociais e emocionais. A análise dos resultados, à luz de referenciais teóricos sobre metodologias integrativas e educação inclusiva, evidenciou avanços significativos na autonomia, coordenação motora e interação social dos participantes, reforçando a relevância de práticas manuais no processo educativo inclusivo.

Palavras-chave: Educação Especial. Práticas Integrativas. Costura. Habilidades Motoras. Inclusão Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, marcada por mudanças rápidas e constantes, torna-se imprescindível promover a inclusão e o pertencimento de pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) aos diversos espaços sociais e educacionais. Nesse cenário, a Escola de Ensino Integral Capitão Silvio de Farias, por meio da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), desenvolve ações voltadas ao fortalecimento das competências e habilidades dos estudantes, buscando efetivar a inclusão educacional de forma ampla e significativa.

Conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008), a Educação Especial tem como finalidade assegurar o acesso, a participação e a aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Para isso, a adoção de metodologias integrativas tem ganhado destaque, uma vez que favorece experiências educativas que transcendem os limites do conteúdo curricular tradicional.

Entre essas metodologias, as práticas manuais, como a costura, destacam-se por articularem aspectos cognitivos, motores, afetivos e sociais, favorecendo o desenvolvimento global dos estudantes (Santos; Oliveira, 2021). Além disso, tais práticas promovem a autonomia e a autoestima, fundamentais para a formação integral e para a construção da identidade dos indivíduos.



Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo relatar a experiência desenvolvida na SRM por meio da confecção de um nécessaire, analisando de que forma essa atividade contribuiu para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, sociais e emocionais dos alunos participantes. O estudo também dialoga com a literatura que discute metodologias integrativas e práticas inclusivas na educação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

A implementação das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) no Brasil representa um marco nas políticas públicas de Educação Especial e inclusão escolar, especialmente após a promulgação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Esse avanço reflete o compromisso do Estado brasileiro em garantir o Atendimento Educacional Especializado (AEE) como direito assegurado a estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, reforçando a concepção de educação para todos.

Contudo, a análise de estudos recentes, como os de Mendes (2019) e Bueno (2021), revela que as salas de recursos, embora ampliadas em número e abrangência, ainda enfrentam desafios significativos em sua consolidação como espaços pedagógicos efetivos. Entre eles, destaca-se a necessidade de formação continuada dos professores, a integração curricular do AEE com o ensino regular e a adequação de recursos materiais e tecnológicos que atendam às especificidades dos estudantes. Sem esses elementos, há o risco de que a sala de recursos seja vista apenas como um espaço de reforço escolar, e não como um ambiente de construção de autonomia e desenvolvimento global.

Outra questão central levantada por pesquisadores como Carvalho (2020) é a articulação entre políticas educacionais e práticas pedagógicas. Embora a legislação estabeleça a inclusão como princípio norteador, a efetivação desse direito exige que a sala de recursos transcenda o caráter assistencialista e passe a atuar de forma integrada ao projeto político-pedagógico da escola. Isso implica uma ação colaborativa entre professores do AEE, docentes da sala comum, gestores e famílias, de modo a garantir coerência pedagógica e continuidade no processo de aprendizagem.

Ademais, a literatura contemporânea aponta para a urgência de produzir e difundir conhecimentos sobre as experiências bem-sucedidas em salas de recursos (SANTOS; OLIVEIRA, 2021). Estudos de caso, pesquisas-ação e relatos de práticas exitosas podem subsidiar políticas públicas mais eficazes, orientando a formação docente e a definição de metodologias inovadoras que promovam a aprendizagem significativa.

Contudo, ao considerar a sala de recursos como dispositivo pedagógico, compreende-se que seu papel vai além do atendimento individualizado. Trata-se de um espaço que deve dialogar com o currículo escolar, articulando estratégias que desenvolvam competências cognitivas, motoras, sociais e emocionais



dos estudantes, conforme defendem autores como Pletsch e Glat (2019). Nesse sentido, os desafios atuais não residem apenas na ampliação do número de salas, mas na qualificação de sua atuação, de forma a consolidar a inclusão escolar como prática cotidiana e efetiva.

2.2 COORDENAÇÃO MOTORA FINA E GROSSA

A coordenação motora, conforme destacado por autores como Gallahue e Ozmun (2005), constitui um dos pilares do desenvolvimento infantil, uma vez que está diretamente associada à capacidade da criança de interagir de forma ativa e independente com o ambiente ao seu redor. A divisão entre coordenação motora grossa — responsável por movimentos amplos e de grande alcance — e coordenação motora fina — voltada para movimentos delicados e precisos — permite compreender como diferentes habilidades motoras se interligam ao longo do crescimento, formando a base para a aquisição de competências cognitivas, sociais e acadêmicas.

O trabalho de Rodrigues (2024), contribui significativamente para esse campo ao propor a criação de um kit transportável com dispositivos voltados ao desenvolvimento da motricidade fina. A proposta dialoga com pesquisas como as de Santos e Ferreira (2018), que ressaltam a importância de materiais manipulativos para estimular a destreza, a coordenação bilateral e a precisão dos movimentos, especialmente durante a educação infantil, fase crítica para o desenvolvimento neuromotor.

Além disso, os resultados obtidos reforçam os apontamentos de Case-Smith (2013), que destaca como intervenções planejadas e lúdicas podem potencializar habilidades essenciais para atividades diárias, tais como amarrar sapatos, escrever e manusear objetos com segurança. A utilização de um kit portátil torna-se ainda mais relevante quando se considera a inclusão educacional, permitindo que crianças com necessidades educacionais especiais também sejam contempladas com estratégias adaptadas para suas demandas específicas.

Outro ponto relevante é a associação entre motricidade fina e aspectos cognitivos e emocionais. Pesquisas de Cameron et al. (2016) evidenciam que crianças com maior desenvolvimento da motricidade fina tendem a apresentar melhores desempenhos em leitura, escrita e resolução de problemas, além de apresentarem maior autonomia e autoestima. Assim, projetos que envolvem atividades práticas, como o descrito neste trabalho, não apenas favorecem a coordenação motora, mas também contribuem para o desenvolvimento global da criança.

Diante do disposto acima, destaca-se que a etapa de análise de produtos similares e a geração de requisitos de projeto seguem princípios do design centrado no usuário, conforme defendido por Norman (2013), o que garante a funcionalidade e a eficácia pedagógica dos dispositivos criados. Esse alinhamento entre teoria, prática e aplicabilidade demonstra o potencial do projeto para ser incorporado em contextos educacionais diversos, fortalecendo a aprendizagem ativa e significativa.



3 RELATO DA PRÁTICA

A experiência ocorreu com estudantes público-alvo da Educação Especial, envolvendo o uso da máquina de costura para a produção de um nécessaire em homenagem ao Dia das Mães. As etapas incluíram:

3.1 FAMILIARIZAÇÃO COM A MÁQUINA: APRENDER A PASSAR A LINHA E CONTROLAR O PEDAL

Nesta etapa os estudantes Antes de iniciar a utilização da máquina de costura, os estudantes receberam orientações simples de como passar a linha nos cursores da máquina. Não foi um desafio ensinar os alunos a passar a linha pela máquina. Este processo envolve várias etapas, desde o guia de linha superior até o enfiamento da agulha. Usando linha de costura da tonalidade do tecido escolhido e orientação de como guiar a linha nos cursores e conseguiu-se tornar o processo mais visual e acessível. O estudante foi orientado a seguir as etapas de forma sequencial, o que trabalhou não apenas a habilidade manual, mas também a atenção e memória sequencial. Quando o estudante conseguiu passar a linha por todos os cursores de forma independente foi uma vitória significativa, evidenciando a evolução da perseverança e atenção ao detalhe.

A etapa seguinte foi como posicionar os pés no pedal e as mãos no tecido. Com o pedal da máquina colocado sob o pé dominante, o estudante foi orientado a pressioná-lo com suavidade para ajustar a velocidade da costura. A pressão no pedal foi gradual, de acordo com o controle motor de cada estudante, porém antes de iniciar o movimento do pedal, foi trabalhado a pressão que deveria exercer no pedal com as mãos para eles terem uma noção de força e pressão.

A importância da postura correta foi destacada, garantindo que os alunos sentissem estabilidade, sem pressa, observando o movimento da máquina com o máximo de concentração. As mãos ficaram posicionadas sobre o tecido, a mão esquerda guiando com leveza, enquanto a mão direita mantinha o tecido alinhado. Este gesto inicial ajudou a melhorar a coordenação olho-mão.

Com a etapa anterior finalizada, foi iniciada como posicionar as mãos na máquina, muitas vezes complexo, foi abordado de forma lenta e repetitiva, para criar um ambiente de confiança e paciência, pois envolve um objeto perfurante que é a agulha e alguns estudantes demonstraram medo de se machucar, para perder o medo foi retirado a agulha da máquina e trabalhado a posição das mãos através de um exercício de costura em folha sulfite.

Figura 1 – Alunos na fase inicial de posicionamento das mãos sobre a máquina de costura



Fonte: Das Autoras

3.2 HABILIDADES MOTORAS: CORTAR TECIDOS, ALINHAR PEÇAS, COSTURAR COM PRECISÃO

Concluída as etapas do funcionamento da máquina de costura, iniciamos o projeto com a escolha do tecido, onde foi disponibilizado alguns tecidos de cores e estampas variadas e o estudante foi orientado a escolher o que mais lhe agrada-se, tendo escolhido o tecido, foi passado as medidas do tecido principal, forro e mata acrílica, itens necessários para fazer a nécessaire, ao estudante e orientou-se como seria marcado as medidas nos tecidos e de após as medidas estarem riscadas e demarcadas no tecido foi realizado o corte seguindo as marcações, alguns estudantes apresentaram dificuldades em conseguir cortar o tecido, pois não aplicavam a pressão adequada com a tesoura, o que dificultava a realização do corte. Depois do tecido cortado foi o momento de fazer a marcação para o metalassê que teria na peça, este foi usado como um detalhe e também para fixar a manta acrílica. Finalizadas as demarcações do metalassê, os estudantes colocaram em prática as habilidades anteriormente trabalhadas ao iniciarmos a apresentação do projeto, como posicionar as mãos e o pé no pedal. Ao iniciar a costura no tecido, os estudantes ficaram ansiosos, porém atentos as orientações da professora.

Figura 2: Demonstração do desenvolvimento de habilidades motoras



Fonte: Das Autoras

3.3 HABILIDADES COGNITIVAS: SEGUIR SEQUÊNCIAS, RESOLVER PROBLEMAS TÉCNICOS

Algumas costuras saíram tortas, mas para alguns que nunca tiveram contato com a máquina antes, já era esperado que isso acontecesse. Foi feita uma costura em volta da peça fixando as laterais da manta ao tecido e após os alunos guiaram-se pelas marcações anteriormente feitas no tecido principal. Terminando de costurar essa etapa os estudantes foram para a etapa seguinte, a costura do zíper para fechar a peça e após a colocação do forro e o fechamento das laterais do tecido para finalização peça.

Figura 3 – Demonstração de habilidades cognitivas em resolução de problemas técnicos



Fonte: Das Autoras



Foram também desenvolvidas habilidades emocionais e sociais: trabalhar em grupo, lidar com frustrações, persistir diante de dificuldades.

O projeto adotou uma metodologia prática e adaptativa, respeitando o ritmo individual e valorizando cada conquista dos estudantes.

4 DISCUSSÃO

Os resultados corroboram os achados de Rocha e Pereira (2021), que destacam como práticas manuais favorecem o desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente na Educação Especial. A costura exigiu atenção, paciência e precisão, aspectos que segundo Gonçalves (2018), contribuem para a autorregulação emocional e fortalecimento da autoconfiança.

Além disso, o trabalho em grupo possibilitou interação social e cooperação, alinhando-se à perspectiva de Vygotsky (1991) sobre a importância do contexto social no aprendizado.

Estudos de Vygotsky (1991) ressaltam que a aprendizagem ocorre em interação com o meio social e que atividades práticas auxiliam na construção de funções psicológicas superiores, como atenção e memória.

A prática evidenciou ganhos significativos na **coordenação motora fina e grossa**, conforme observado por Carvalho, Souza e Almeida (2019), que destacam como atividades artesanais contribuem para o refinamento dos movimentos, tanto finos quanto amplos. Para Rodrigues (2024), O desenvolvimento da coordenação motora fina é importante em todas as fases da vida, mas quando somos crianças esse aperfeiçoamento tem maiores impactos na nossa interação com o ambiente e outras pessoas

O processo exigiu um claro **planejamento e resolução de problemas**, alinhando-se às considerações de Ferreira e Silva (2020) sobre a importância de sequenciar etapas de forma lógica e adaptável às necessidades dos alunos.

A atividade também promoveu **criatividade e expressão estética**, coerente com o que Rocha e Pereira (2021) discutem sobre o potencial das práticas manuais de estimular o apreço estético e a criação artística.

Por fim, foi possível observar o fortalecimento da **autonomia e autorregulação emocional**, especialmente em situações desafiadoras, reforçando afirmações de Gonçalves (2018) acerca da capacidade das atividades manuais de promoverem controle emocional e independência no processo de aprendizagem.

Autores como Papert (1994), ao discutir o construcionismo, reforçam a importância de "aprender fazendo", defendendo práticas que proporcionem ao aluno o protagonismo no processo de aprendizagem.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que a prática de costura, desenvolvida na Sala de Recursos Multifuncionais, se mostrou uma estratégia pedagógica extremamente eficaz para o desenvolvimento integral de estudantes da Educação Especial. A execução do projeto permitiu não apenas a aquisição de habilidades técnicas relacionadas à costura, mas também favoreceu o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras, sociais e emocionais, demonstrando a importância de práticas pedagógicas que promovam aprendizagens significativas e contextualizadas.

Do ponto de vista motor, observou-se um aprimoramento substancial da coordenação motora fina e grossa, fundamental para o desempenho de atividades diárias e acadêmicas. Os estudantes tiveram a oportunidade de manipular tecidos, operar a máquina de costura, ajustar o pedal e coordenar mãos e olhos, experiências que consolidam não apenas habilidades manuais, mas também a percepção espacial, a precisão motora e a autonomia funcional. Essa aprendizagem prática reforça a relevância de intervenções educativas que articulam teoria e prática, permitindo que o estudante seja protagonista de sua própria aprendizagem (RODRIGUES, 2024; CASE-SMITH, 2013; CAMERON et al., 2016).

No aspecto cognitivo, a prática exigiu atenção, memória sequencial, planejamento e resolução de problemas. Os estudantes precisaram seguir etapas estruturadas, interpretar instruções, realizar medições, cortar tecidos com precisão e aplicar técnicas de costura, desenvolvendo raciocínio lógico e habilidades de organização. Essa articulação entre ação prática e processos cognitivos reforça o construcionismo, conforme Papert (1994), mostrando que o aprendizado se potencializa quando o estudante “aprende fazendo” e vivencia de forma concreta os conceitos ensinados.

Sob o prisma socioemocional, o projeto proporcionou oportunidades significativas de interação, cooperação e fortalecimento da autoestima. Ao trabalhar em grupo, os estudantes compartilharam responsabilidades, trocaram experiências, ajudaram-se mutuamente e vivenciaram a importância da empatia e da colaboração. Além disso, a superação de medos e desafios, como o receio da agulha da máquina de costura, evidenciou crescimento emocional, capacidade de lidar com frustração e desenvolvimento da perseverança. Tais elementos são essenciais para a formação de indivíduos autônomos e confiantes, preparados para enfrentar desafios tanto acadêmicos quanto cotidianos (GONÇALVES, 2018; ROCHA; PEREIRA, 2021; VYGOTSKY, 1991).

Outro aspecto relevante foi a valorização da estética e da criatividade. O projeto incentivou os estudantes a escolher tecidos, definir cores, aplicar técnicas decorativas e personalizar seus produtos, promovendo a expressão artística e a construção de identidade por meio da arte manual. Essa dimensão estética e criativa contribui não apenas para o desenvolvimento cognitivo e motor, mas também para o bem-estar emocional, estimulando a percepção de conquistas pessoais e reforçando o protagonismo do estudante no processo de aprendizagem.



Além dos impactos individuais, o projeto evidenciou a importância de práticas pedagógicas inclusivas e integrativas no contexto escolar. A Sala de Recursos Multifuncionais mostrou-se um espaço estratégico para a promoção da inclusão efetiva, articulando-se com o currículo escolar e fortalecendo a relação entre Atendimento Educacional Especializado e ensino regular. A experiência reforça a necessidade de políticas públicas que garantam recursos, formação docente contínua e metodologias inovadoras, possibilitando que cada estudante com NEE tenha acesso a aprendizagens significativas e experiências de desenvolvimento pleno (BRASIL, 2008; PLETSCH; GLAT, 2019; SANTOS; OLIVEIRA, 2021).

Em síntese, a prática de costura evidenciou-se como uma ferramenta pedagógica multifacetada, capaz de integrar aspectos cognitivos, motores, sociais e emocionais, promovendo não apenas a aprendizagem técnica, mas também a formação integral dos estudantes. Recomenda-se a continuidade e ampliação de projetos similares, incorporando outras áreas do conhecimento e envolvendo a comunidade escolar, de modo a consolidar a educação inclusiva como prática cotidiana, significativa e transformadora. Dessa forma, é possível não apenas atender às necessidades educacionais específicas, mas também formar cidadãos autônomos, criativos, socialmente engajados e emocionalmente resilientes.



REFERÊNCIAS

- BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. MEC/SEESP, 2008.
- BUENO, C. R. Integração curricular e desafios das Salas de Recursos Multifuncionais. *Revista Educação Especial*, v. 18, n. 2, 2021.
- CAMERON, C. E.; et al. Motor skills and academic performance: The role of fine motor development in children. *Journal of Educational Psychology*, v. 108, n. 2, 2016.
- CARVALHO, L. S. Articulação entre políticas públicas e práticas pedagógicas. *Educação e Sociedade*, v. 41, n. 3, 2020.
- CARVALHO, L. S.; SOUZA, M. F.; ALMEIDA, R. C. Práticas artesanais na Educação Especial: desenvolvimento motor e cognitivo. *Revista Educação e Inclusão*, v. 12, n. 3, 2019.
- CASE-SMITH, J. *Occupational therapy for children*. Elsevier, 2013.
- FERREIRA, A. C.; SILVA, T. R. Metodologias ativas e Educação Especial: caminhos para a inclusão. *Cadernos de Educação Especial*, v. 25, n. 2, 2020.
- GALLAHUE, D. L.; OZUMN, M. *Understanding motor development: Infants, children, adolescents, adults*. McGraw-Hill, 2005.
- GONÇALVES, P. C. Emoções e aprendizagem: o papel das atividades manuais. *Revista Psicopedagogia*, v. 35, n. 109, 2018.
- MENDES, F. L. Desafios e perspectivas das Salas de Recursos Multifuncionais no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, n. 1, 2019.
- NORMAN, D. A. *The design of everyday things*. Basic Books, 2013.
- PAPERT, S. *A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PLETSCH, L.; GLAT, R. Educação inclusiva e inovação pedagógica: experiências em salas de recursos. *Educação e Diversidade*, v. 7, n. 2, 2019.
- ROCHA, J. F.; PEREIRA, S. M. Criatividade e inclusão: experiências com arte na Educação Especial. *Revista Educação e Diversidade*, v. 10, n. 1, 2021.
- RODRIGUES, J. M. F. *Conjunto de dispositivos para auxiliar o desenvolvimento da coordenação motora fina em crianças*. 2024.
- SANTOS, A.; OLIVEIRA, P. Práticas integrativas na Educação Especial: relato de experiências exitosas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, n. 3, 2021.
- SANTOS, R.; FERREIRA, L. Materiais manipulativos para o desenvolvimento da coordenação motora fina. *Revista Pedagogia e Inclusão*, v. 12, n. 2, 2018.



VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.